

NÓS DISCURSIVOS E PAPÉIS LITERÁRIOS: A DINÂMICA DAS INTERAÇÕES EM UM CLUBE DO LIVRO ONLINE

DISCURSIVE NETWORKS AND LITERARY ROLES: THE DYNAMICS OF
INTERACTIONS IN AN ONLINE BOOK CLUB

Geane Valesca da Cunha Klein ¹

Universidade Federal de Rondônia

Natan Gonçalves Nery ²

Universidade Federal de Rondônia

Resumo: Este estudo investiga a interação em uma comunidade de leitura *online* no *Facebook*, o *Clube do Livro*, destacando como papéis variados e os nós discursivos influenciam a dinâmica do diálogo. A análise das postagens revela que os papéis dos participantes, como leitores engajados, críticos literários e iniciadores de tópicos, não são fixos e podem mudar ao longo das interações. O estudo destaca que a hierarquização de gêneros literários e a atribuição de valor às obras geram debates intensos e recorrentes e que a influência de vozes autoritativas, como especialistas e professores, tem impacto na negociação dos sentidos. Demonstra ainda a complexidade das negociações de sentido a (im)possibilidade de construção de consenso e a emissão de juízos valorativos sobre as obras em debate. A pesquisa revela debates intensos sobre hierarquias literárias e a influência do ambiente online, em que postagens recentes recebem mais atenção e discussões pessoais enriquecem os debates. A análise das interações, fundamentada na perspectiva sociointeracionista, ilustra como a linguagem é usada para argumentar, negociar significados e refletir a diversidade ideológica e subjetiva nas avaliações literárias, oferecendo uma compreensão da construção e negociação de sentidos nesse contexto enunciativo.

Palavras-chave: Interação; Dialogia; Clube de leitura.

Abstract: This study investigates the interactions within an online reading community on Facebook, the *Clube do Livro*, highlighting how varying roles and discursive threads influence the dynamics of dialogue. Analysis of the posts reveals that participants' roles, such as engaged readers, literary critics, and topic initiators, are not fixed and can shift throughout the interactions. The study emphasizes that the hierarchical classification of literary genres and the attribution of value to works generate intense and recurring debates, with authoritative voices, such as experts and professors, impacting the negotiation of meanings. It also demonstrates the complexity of meaning negotiations, the (im)possibility of reaching consensus, and the issuing of evaluative judgments about the works under discussion. The research reveals intense debates on literary hierarchies and the influence of the online environment, where recent posts receive more attention and personal discussions enrich the debates. The analysis of interactions, grounded in a socio-interactionist perspective, illustrates how language is used to argue, negotiate meanings, and reflect ideological and subjective diversity in literary evaluations, offering insight into the construction and negotiation of meanings within this discursive context.

Keywords: Interaction; Dialogism; Book club.

¹ Doutorado em Letras, docente no Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), geanevalesca@unir.br

² Graduação em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), natannery76@gmail.com

**Submetido em 23 de agosto de 2024.
Aprovado em 26 de setembro de 2024.**

Considerações Iniciais

O presente texto é parte de um estudo desenvolvido no âmbito do programa de iniciação científica (PIBIC) da Universidade Federal de Rondônia. Para sua realização, foram consideradas algumas interações dialógicas entre participantes de uma comunidade online situada no interior da plataforma de rede social Facebook, denominada Clube do Livro (<https://www.facebook.com/groups/434448063371084/>). Em 02 de Agosto de 2023, esta comunidade privada (pois a entrada de novos membros é sujeita à aprovação dos moderadores) contava com 171 mil membros. Pouco mais de um ano depois, em 23 de agosto de 2024, o número de participantes ultrapassava os 208 mil membros. As postagens costumam relacionar-se a obras (literárias ou não) e materializam vozes que expressam opiniões, gostos e preferências individuais que ora se alinham, ora divergem entre os membros que travam embates que vão da discordância moderada ao confronto direto. Vale ponderar que as comunidades online de leitura constituem-se como espaços dinâmicos e multifacetados, nos quais os modos de discursivização variam conforme o contexto e os participantes envolvidos.

No caso analisado, os participantes engajam-se em atividades relacionadas à leitura, discussão e compartilhamento de experiências literárias, desempenhando funções diferentes e assumindo papéis variados, como leitores engajados, críticos literários, mediadores, especialistas em gêneros literários, iniciadores ou facilitadores de diálogo. Esses papéis são permeados por um interesse comum pela literatura, do qual decorre a interatividade e o diálogo entre os participantes que expressam suas opiniões, preservam suas experiências de leitura, debatem temas relacionados às obras, trocam recomendações e analisam estilos literários.

Um aspecto central da análise é a identificação dos “nós discursivos” que emergem das interações. Esses “nós” referem-se a temas recorrentes e pontos centrais de debate dentro da comunidade, como a hierarquia entre gêneros literários ou as qualidades dos clássicos em comparação aos bestsellers. Além disso, o estudo explora os “papéis literários” assumidos pelos participantes, os quais podem ir de iniciadores de tópicos até críticos literários, de modo que a análise busca entender como esses diferentes papéis afetam a construção de significado e a formação de debate dentro do clube de leitura.

Como se observa, uma comunidade virtual de leitores foi formada neste espaço digital e nela os participantes se sentem conectados por meio de suas experiências literárias. As interações são moldadas por diferentes estratégias discursivas, como o uso de recursos argumentativos, referências intertextuais, interpretações (valorativas ou não) das obras e negociação de sentidos. Em seu interior, tempo e espaço desempenham um papel importante na configuração das interações, sendo o tempo manifestado pela frequência e duração das postagens, enquanto o espaço é configurado tanto pelos ambientes físicos evocados quanto pelo espaço virtual do clube de leitura online. Os temas discutidos abrangem desde gêneros literários específicos até questões temáticas mais amplas, nas quais expressam-se estimativas, apreciações e julgamentos de valor sobre obras e textos pertencentes a diferentes gêneros e veiculados em variados suportes. Diferentes perspectivas e atitudes discursivas podem ser observadas, refletindo a diversidade de interpretações e posicionamentos dos participantes.

O ensejo ao analisar esses aspectos foi compreender a dinâmica interacional no interior do referido Clube do Livro online, além de refletir sobre o entendimento comungado sobre o que vem a ser leitura ou literatura. Para delimitar o âmbito de estudo, foram focalizadas as publicações que evidenciassem um nível mais substancial de interação dialógica entre os membros. Partindo da premissa de que essas publicações se caracterizam como dialógicas, uma vez que instigam debates entre os indivíduos interessados no tópico em pauta, observaram-se mais detidamente as situações que exigiram dos participantes uma tomada de posicionamento, de concordância ou divergência, e emanassem respostas direcionadas aos autores dos comentários primários ou das postagens originais. Em suma, o intuito foi estudar o campo interativo da linguagem, compreendendo a heterogeneidade da linguagem, em sua dimensão social concreta, observando nas interações dialógicas como se constitui o eu e o Outro; como o diálogo se institui e deriva sentidos e significações em um determinado contexto; quais papéis são assumidos pelos participantes da interação discursiva e que tipo de relação dialógica é observável nas interações.

Assim, ao passo que os dados foram coletados, as postagens foram organizadas em blocos conforme apresentassem maior ou menor interação dialógica, considerando o número de comentários-respostas ou réplicas, curtidas ou reações com emojis. Essa seleção permitiu focar nas postagens com maior engajamento e interação entre os participantes. Em seguida, foram identificados os modos de discursivização, observando como os participantes construíram seus discursos nas interações e analisando os posicionamentos e vozes presentes

nas interações, identificando como os participantes se posicionavam em relação aos temas discutidos e como suas vozes individuais se manifestavam.

Para proceder à análise de textos recolhidos de postagens públicas realizadas no interior da comunidade online Clube do Livro, considerou-se transversalmente as orientações para estudos netnográficos, conforme proposto por Kozinets (2014), em sua obra “Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online”. Esta opção decorreu da constatação de que, dada a enorme influência que a internet exerce nas relações sociais contemporâneas, a elaboração de metodologias e estratégias que melhor se adequem a esse meio específico é imprescindível. Assim, a netnografia, como um ramo da etnografia, leva em conta as particularidades do ambiente online, analisando o comportamento e as interações de grupos sociais nesse novo ecossistema e suas repercussões no ambiente off-line. Assim, considerou-se, desde o início, que uma pesquisa no mundo contemporâneo da internet e das tecnologias de informação e comunicação exige um olhar que considere as especificidades desse meio, pois experiências sociais que transcorrem de modo online são distintas das que se realizam face a face.

Além disso, examinamos os processos de significação desses enunciados e de suas réplicas e trélicas para, em seguida, ponderar os mecanismos de produção de sentidos tornados possíveis pelas diferentes formações discursivas que sustentam os dizeres neles configurados, considerando as tramas sociais, históricas e culturais. Convém destacar que a ação de interpretação dos textos selecionados ocorreu sob a modalidade de uma análise dialógico-discursiva que permitiu compreender os textos em sua correlação com as condições de produção e enunciação. Com essa análise, indagaram-se os significados dos textos, seus efeitos discursivos e os modos de discursivização colocados em uso pelos participantes, a partir das relações estabelecidas entre a linguagem e os sujeitos e das condições nas quais o discurso foi produzido.

Conexões Digitais e Transformações Sociais: Explorando a Cultura Online e o Impacto nas Interações Sociais

As conexões e alinhamentos online afetam o comportamento social e impactam sobre o modo como se dá a expressão/interação em diferentes esferas e a partir de papéis sociais distintos. Mais do que um lugar para trocar informações e conversar superficialmente, na rede são criados laços e espaços de pertencimento que interferem na dinâmica da sociedade. Nas

comunidades online, as pessoas sentem-se em locais de pertencimento, nos quais prestam ou recebem apoio emocional, influenciam e/ou são influenciadas. Apesar de nos referirmos à internet como um ambiente, ela não possui tamanho, nem ocupa espaço do ponto de vista físico e isso pode levar ao equívoco de tomar ‘virtual’ como ‘não real’. No entanto, os usuários são pessoas reais, as ideias expressas na rede são reais, e as relações e comunidades que se formam possuem todos os efeitos que encontramos no mundo físico (KOZINETZ, 2014).

Historicamente, a informação constitui-se em ferramenta indispensável à manutenção do poder. Antes restrita à pequena parcela letrada da população, a democratização da informação viu seu primeiro grande avanço com a invenção da prensa por Gutenberg e, em seguida, o surgimento dos jornais que tão logo se consolidaram, viram o surgimento de uma nova tecnologia: o rádio. Ao passo que o rádio se popularizava, a televisão já se fazia presente nas casas. Na contemporaneidade, visualiza-se outro salto das tecnologias da comunicação, com as tecnologias e mídias digitais.

No âmbito do jornalismo, há tamanha diferença nas ferramentas disponíveis, no alcance e na forma que as informações são tratadas e recebidas na internet em relação ao exercido pelos meios anteriores. A partir do estabelecimento da WEB 2.0 podemos falar em um jornalismo online, com suas regras e estratégias. Diferentemente dos meios anteriores, cuja evolução dizia respeito principalmente ao alcance da notícia, em um processo de massificação que tendia à padronização da informação, a internet inicia um processo contrário, o da individualização.

No aspecto mais óbvio, enquanto o rádio e a televisão eram divididos pela família, os computadores e os telefones celulares são objetos pessoais. Nestes aparelhos, a notícia não é mais recebida de maneira uniforme e linear. Por meio de hiperlinks o leitor (ou consumidor) escolhe a forma de navegação por conteúdos. Essa quebra da linearidade narrativa permite que cada consumidor realize uma leitura própria, personalizada. Visto que esse comportamento se dá de forma coletiva, pode-se chamar essa nova coletividade de sociedade de informação. Célia Martins sinaliza a existência de um estágio posterior, a sociedade em rede, termo proposto por Van Dijk (cit. in McQuail, 2003, p. 124) como “uma forma de sociedade que organiza as suas relações em redes midiáticas, substituindo ou complementando de forma gradual as redes sociais de comunicação face a face”.

Para além do escopo jornalístico, vale destacar que as relações sociais, que antes do advento da internet, dos dispositivos portáteis e das redes sociais, eram restritas por questões espaciais/temporais e limitadas pela possibilidade de encontro físico, estão cada vez mais

acontecendo no âmbito digital. Encontros de clubes de leitura, por exemplo, não são uma novidade, mas ao serem substituídos por fóruns de discussão online apresentam diferentes formas de discursivização, a partir das diferentes possibilidades do meio. As tecnologias mudam os paradigmas tanto no que tange aos usuários, quanto na dimensão cultural geral na qual estes usuários estão imersos. O modo de uso da tecnologia também depende do ecossistema comunicativo ao qual pertence o usuário, por isso o modo como um ambiente digital é utilizado difere conforme os usuários também sejam diferentes. Na essência de uma certa tecnologia, entretanto, há limitações/restrições que são comuns, pois são definidas pela própria amplitude da tecnologia. Deste modo, não se trata de dizer que a tecnologia seria o fator determinante da comunicação, mas que ela define os contornos do que é possível ser dito ou feito. A tecnologia, portanto, não determina automaticamente a comunicação, mas permite fazer o que sem ela não era possível.

Pensar sob uma perspectiva de ecologia da mídia implica considerar não apenas o conteúdo dos textos, mas também os dispositivos tecnológicos e plataformas em que eles são veiculados, haja vista que a relação entre os usuários e essas tecnologias influencia a maneira como os textos são acessados, compartilhados e interpretados. Em outras palavras, à medida em que se compreende o funcionamento de uma comunidade online, é possível observar qual cultura online é ali gerada. Segundo Kozinets (2014), uma comunidade online é um grupo de pessoas que se reúne em um determinado site, página de internet ou qualquer outro ambiente online, movido por um interesse ou objetivo em comum, enquanto cultura online é o conhecimento gerado, resultado direto das interações entre os participantes, cada um com sua bagagem cultural própria, assim como ocorre no *Clube do Livro*.

Linguagem e Contexto na Era Digital: Interações Sociais e Práticas de Leitura no Clube do Livro Online

Tomando como fio condutor a abordagem da língua como fenômeno dinâmico inseparável da interação social e do contexto sócio-histórico, considera-se que as práticas de escrita, leitura, veiculação e produção de sentidos relacionam-se à dinâmica da sociedade contemporânea. Por conseguinte, devem ser estudadas considerando-se as situações de interação nas quais diferentes vozes “pressupõem papéis sociais de quem as emitem; que

expressam visões, concepções, crenças, verdades e ideologias” (ANTUNES, 2009, p. 23). Como se vê, as relações entre linguagem e contexto são bastante estreitas e interessa sobretudo pensar a partir de uma perspectiva pela qual a língua se dá “sob a forma de atividade social, para fins da interação e da intervenção humana, acontece inevitavelmente sob a forma da textualidade” (ANTUNES, 2009, p. 37). Assumindo uma perspectiva sociointeracionista e pragmática, considera-se que toda e qualquer produção linguística encontra-se determinada pelas situações de uso, de modo que “usar a linguagem é uma forma de agir socialmente, de interagir com os outros” (ANTUNES, 2009, p. 49) e isso não acontece de outro modo senão por meio de textos.

Se todo texto emerge em um dado momento e espaço histórico, carregando, inevitavelmente, as marcas dessa história cultural, então os sujeitos, enquanto leitores ou produtores de textos, também encontram-se comprometidos com um processo histórico e social. Na perspectiva sociointeracionista, o conceito de texto vai além de uma sequência linear de palavras e frases e corresponde a uma unidade comunicativa que vai muito além dos limites da linguagem verbal. Embora tradicionalmente o texto esteja associado à materialização por meio da palavra, texto é uma manifestação comunicativa que engloba não apenas elementos verbais, mas também os não verbais, as formas visuais, os aspectos sonoros e até mesmo os espaços em branco presentes em uma composição.

Em se tratando de publicações em mídias digitais, além das materialidades linguísticas, impende considerar a multimodalidade, o hibridismo e a intertextualidade dos textos, os quais combinam elementos de diferentes discursos e fontes, criando um ambiente em que diferentes contextos se entrelaçam para gerar significados complexos. Isso se torna sobretudo saliente na observação da dinâmica das redes sociais, onde a interação e a produção de sentido acontecem em tempo real e a diversidade de discursos se torna ainda mais evidente. Como foi observado nas postagens da comunidade Clube do Livro, os usuários não apenas reproduzem discursos materializados em textualidades preexistentes, mas também apresentam postagens autorais que rearticulam discursos, muitas vezes desafiando outros participantes a se pronunciarem e manifestarem um posicionamento. Isso ressalta como as redes sociais são espaços de construção coletiva de significados e de múltiplas vozes, confrontos e embates que exigem um repensar sobre o modo como tem sido consideradas as práticas de leitura e escrita.

Segundo Marcuschi (2008, p. 72): “O texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico. De

certo modo, pode-se afirmar que o texto é uma (re)construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo”. A textualidade, por sua vez, é o que torna um conjunto de elementos linguísticos e não linguísticos em uma unidade comunicativa compreensível e se refere às características que conferem unidade a um texto, independentemente de seu formato ou modo de apresentação. Aqui convém fazer uma ponderação importante:

É provável que certos aspectos formais da língua tenham influência na sequenciação dos enunciados, assim como certas propriedades comunicativas exercem pressões discursivas sobre o texto. Contudo, não há uma regra que diz qual conteúdo que deve se seguir necessariamente a outro conteúdo numa sequência textual. O que determina a sequência é uma relação muito complexa e não há regras fixas para isso. (MARCUSCHI, 2008, p. 76).

Mateus (2021) considera que para compreender os textos publicados em mídias digitais, além das materialidades linguísticas que operam na cadeia significante, mas também os signos visuais e sonoros que influenciam na geração de significado junto ao leitor ou receptor. De acordo com o autor, esses textos não se limitam à linguagem verbal, mas se definem sobretudo por efeito da recepção diferenciada dos discursos que reproduzem, ocasionada pelas particularidades da mediação dos dispositivos tecnológicos contemporâneos (MATEUS, 2021).

Assim, os textos midiáticos, mesmo quando reproduzem discursos que já se faziam presentes em outras esferas da camada social, não são uma mera repetição, pois as condições de recepção levam à uma leitura diferente, além de permitirem que o receptor se torne ainda mais ativo, sobretudo no contexto das redes sociais. Aqui vale lembrar de Orlandi (1996, p. 93), para quem “onde está o mesmo, está o diferente”. Para a autora, “no entremeio – entre o mundo e a linguagem – o sujeito e o sentido, ao se constituírem, o fazem necessariamente na conjunção dessa relação. Estão expostos ao acaso (mundo) e ao jogo (linguagem), mas também à memória (mundo) e à regra (linguagem)” (1996, p. 93).

Como se depreende, a linguagem não se reduz a uma ferramenta de comunicação, mas funciona como meio de ação social, pelo qual ocorre toda uma negociação de significados, expressão de identidades sociais, construção de relações interpessoais e manifestação de ideologias. Desta feita, a textualidade não é apenas uma questão de gramática e estrutura, mas também envolve a expressão da identidade do falante, seu posicionamento em relação aos outros e suas intenções comunicativas. Segundo Fiorin (2012, p. 148) há diferenças entre texto e discurso:

Este [o discurso] é da ordem da imanência e aquele [o texto], do domínio da manifestação. [...] A manifestação é a presentificação da forma numa dada substância, o que significa que

o discurso é do plano do conteúdo, enquanto o texto é do plano da expressão. Em outras palavras, este é da ordem do sensível, enquanto aquele é do domínio do inteligível. O texto é a manifestação de um discurso. Assim, o texto pressupõe logicamente o discurso, que é, por implicação, anterior a ele.

A partir desta distinção, temos que um “mesmo” discurso poderá se materializar em textos distintos e ambos, texto e discurso, são produtos da enunciação que diferem quanto ao modo de existência semiótica (FIORIN, 2012). Marcuschi (2018, p. 58) destaca que “discurso é visto como uma prática e não como um objeto ou artefato empírico”. Assim, quando consideramos a noção de discurso não a pensamos enquanto verbalização, nem como a organização de palavras em sentenças ou textos, como uma perspectiva menos acurada poderia supor. À par disto, as vertentes mais atuais da linguística de texto consideram que inexiste uma distinção rígida entre texto e discurso, prevalecendo a perspectiva de continuum entre ambos.

Na acepção assumida, importa pensar acerca dos processos de representação mobilizados por sujeitos pertencentes a grupos sociais, sendo os discursos correspondentes às diferentes maneiras pelas quais a prática social é estruturada. Sua manifestação decorre da mobilização de formas simbólicas, em conformidade com o conjunto de regras, permissões, proibições ou descrições de cada discurso, instituídos em função dos princípios de pertinência e de regulação do dizer. Sua materialização ocorre por meio de textos, que moldam e são moldados por práticas sociais e culturais, a exemplo do que ocorre com a comunidade virtual denominada Clube do Livro.

Assim é que, na dinâmica interacional permitida no interior da comunidade, os participantes negociam os sentidos possíveis para “leitura” e “literatura”, por exemplo. Mais do que signos, trata-se de construções sociais, pelas quais são articulados diferentes discursos (o da Teoria da Literatura, o da linguística, o da Sociologia, o da norma gramatical, entre outros). Por conseguinte, o enunciador não é aquele que fala, mas um lugar do qual se fala e é por esse motivo que em um mesmo texto podem conviver diferentes posições de sujeito. Esses diferentes lugares de fala que se organizam em uma mesma unidade textual ocorrem de modo coeso, uma vez que se constroem pela função–autor. Segundo Guimarães (1995, p. 69), “Não é um locutor que coloca a língua em funcionamento (...) A língua funciona na medida em que um indivíduo ocupa uma posição sujeito no acontecimento, e isto, por si só, põe a língua em funcionamento por afetá-la pelo interdiscurso, produzindo sentidos”.

A propósito da noção de sentido, convém lembrar, apoiando-se nas ideias de Marcuschi que este não corresponde ao conteúdo. Segundo o autor,

A LT [Linguística Textual] distingue entre sentido e conteúdo e não tem como objetivo uma análise de conteúdo, já que isto é objeto de outras disciplinas. O conteúdo é aquilo que se diz ou descreve ou designa no mundo, mas o sentido é um efeito produzido pelo fato de se dizer de uma forma ou de outra forma esse conteúdo. O sentido é um efeito do funcionamento da língua quando os falantes estão situados em contextos sócio-históricos e produzem textos em condições específicas. (2008, p. 74)

A distinção entre sentido e conteúdo conforme destacada por Marcuschi (2008) chama a atenção para a importância da análise textual que considera a interação entre linguagem, contexto e comunicação, contribuindo para uma compreensão mais profunda e abrangente da linguagem e sua função na sociedade. Segundo o autor, não se trata de identificar o que está sendo dito, mas também de compreender como isso é dito e como o contexto afeta a interpretação. Essa perspectiva reforça a ideia de que a comunicação é uma atividade complexa que envolve muito mais do que a transmissão de informações literais, sendo o sentido co-construído pelo falante, pelo ouvinte e pelo contexto em que a comunicação ocorre. Disto decorre a constatação de que o “texto acha-se construído na perspectiva da enunciação” (MARSCUSCHI, 2008, p. 77).

Seguindo essa perspectiva, os textos não são simplesmente conjuntos de palavras ou frases, mas são produtos da atividade comunicativa que ocorre em um contexto específico. Os processos enunciativos, por sua vez, são moldados pelas relações entre os participantes da comunicação e pelas características da situação em que ocorrem. Isso implica que não há um conjunto fixo de regras que possa ser aplicado uniformemente a todas as situações de comunicação, já que cada interação é única em sua dinâmica (MARSCUSCHI, 2008).

Essa visão destaca a natureza ativa dos participantes na interação, evidenciando que os interlocutores não são mero receptores passivos, mas agem ativamente para a construção do significado por meio de sua interpretação e resposta aos textos. Deste modo, “a interação discursiva é um eterno jogo de orientações, direcionamentos, autorias e responsabilidades em relação às palavras, primeiramente, alheias e, posteriormente, assumidas por um falante de uma língua” (STELLA, 2022, p. 112). Isso coaduna com a perspectiva do dialogismo, assumido como princípio constitutivo de toda linguagem, em que o texto é visto como um campo de interação entre vozes diversas, representando diferentes pontos de vista, perspectivas e valores. Aqui,

Diálogo é caracterizado como atividade potencial, possível, provável, verossímil, mas não necessariamente enunciada, portanto, podemos dizer, é atividade do discurso interior, no

sentido de que tudo que se enuncia está enunciado com vistas à reação do interlocutor, que pode ser o próprio enunciador. (VOTRE, 2022, p. 166).

Como se observa, na interação as vozes internas e externas, as antecipações das respostas e as influências contextuais desempenham um papel fundamental na construção do significado e da interpretação. A seguir, serão observadas algumas facetas da interação ocorrida por meio de postagens na comunidade online Clube do Livro, bem como seus respectivos desdobramentos e interações por elas proporcionadas. Como já indicado, tais postagens desencadeiam debates entre aqueles que manifestam interesse pelo assunto, exigindo a manifestação de posicionamentos, de discordância ou concordância, os quais se configuram enquanto respostas endereçadas ao autor do texto ou outros que tomam parte nas interações.

Dinâmica Textual-Discursiva em Comunidades Literárias Online: Análise de Interações no Clube do Livro

Antes de adentrar nas análises, é importante lembrar que as comunidades online de leitura são espaços dinâmicos, nos quais os modos de discursivização podem variar de acordo com o contexto e os participantes envolvidos. Também é importante esclarecer que a esfera de atividade humana na qual ocorrem as interações discursivas em comentários realizados em respostas a postagens em um clube do livro online referem-se à esfera cultural-literária. Nesse contexto específico, os participantes estão engajados em atividades relacionadas à leitura, discussão e compartilhamento de experiências literárias. O clube do livro online funciona como um espaço virtual que reúne pessoas interessadas em discutir obras literárias, trocar opiniões, indicar livros e participar de debates sobre literatura.

Nessa esfera de atividade, os participantes se envolvem em interações discursivas que têm como foco central a literatura, compartilhando impressões sobre os livros lidos, debatendo temas relacionados às obras, expressando opiniões e interpretando textos, literários ou não. Além disso, trocam recomendações de leitura, discutem questões temáticas, analisam estilos literários, compartilham trechos de livros e refletem sobre a importância da literatura em suas vidas. Ocasionalmente publicam-se postagens sem nenhuma referência, direta ou indireta, a assuntos literários, a partir de tópicos que versam sobre assuntos do cotidiano humano, como as dificuldades de desfrutar de um relacionamento satisfatório e duradouro ou desabafando sobre problemas de saúde, por exemplo. Essas ocorrências provavelmente são provenientes do

senso de familiaridade promovido pelo convívio com os demais membros da comunidade. Kozinets (2014) explica o percurso por que passa um indivíduo que entra em uma comunidade movido por um interesse em comum (no caso a literatura), mas que estabelece laços afetivos que se tornam tanto ou mais importantes para ele do que o objeto de interesse específico, de forma que se sente confortável em compartilhar outros aspectos de sua vida. Para a análise, no entanto, foram consideradas estritamente as postagens com relação direta a temas da esfera cultural-literária.

Nas interações discursivas em comentários dados em respostas a postagens no grupo analisado, os participantes assumem diversos papéis que contribuem para a dinâmica e desenvolvimento dessas interações. Alguns dos papéis mais comuns são os de iniciadores de tópicos, críticos literários, leitores engajados e facilitadores do diálogo. Esses papéis não são auto excludentes, pois em uma mesma interação os membros podem assumir mais de um papel.

Os iniciadores de tópicos realizam postagens e propõem novas discussões em comentários de outras postagens, estimulando o engajamento e a diversidade temática nas interações, contribuindo para a dinâmica do grupo. Em alguns casos se fazem presentes apenas na postagem inicial, e em outros participam ativamente nos comentários, defendendo o seu texto, conforme veremos mais adiante.

Os críticos literários também iniciam tópicos, trazendo análises mais aprofundadas das obras discutidas, explorando aspectos como estilo de escrita, estrutura narrativa, personagens, temáticas, e por vezes atuam como especialistas, esclarecendo dúvidas ou fazendo explicações sobre um gênero literário específico.

Os leitores engajados assumem o papel de leitores atentos e interessados. Eles compartilham suas experiências de leitura, expressam suas opiniões e sensações em relação aos livros discutidos e fazem perguntas. Sua participação é essencial para o debate e para a construção coletiva de significados. Podemos dizer que, nas interações observadas, esse é o papel mais comum. A maior parte dos comentários não propõe reflexões mais complexas, não problematiza ou promove alguma argumentação a partir das postagens, limitando-se a reações básicas que podem, inclusive, ser expressas através das duas formas de reação mais comuns observadas, o Curtir (falas como “gostei do que você disse”, “concordo”, “também acho”) e o Amei (“sim!”, “amei o seu comentário”, “bravo!”). Por mais breves que sejam, contribuem para a validação do ponto de vista expresso na postagem ou comentário.

Por fim, os facilitadores do diálogo possuem uma conduta que cria um ambiente propício para a troca de ideias, promovendo o respeito mútuo, a escuta ativa e o diálogo construtivo. Eles se empenham em evitar ou mitigar conflitos desnecessários e, quando discordam de alguém, o fazem de forma a deixar claro que consideram válida a opinião contrária, atuando também como mediadores nesse sentido.

Ao longo das análises, identificamos o horizonte temático-valorativo dos enunciados a partir da análise dos temas, dos valores atribuídos, dos pontos de vista apresentados e das atitudes discursivas dos participantes. Como relatado, foram selecionadas postagens com maior número de interatividade, nas quais verificou-se engajamento muito acima da média. Em geral a temática destas postagens com maior interação entre os participantes transitava entre o que seria considerado para eles como “boa literatura”. De forma geral, textos com opiniões mais polêmicas, como a defesa de um livro/autor/gênero popularmente considerado de baixa qualidade, bem como o oposto disso, incitavam mais comentários.

A esse respeito, Maingueneau (2015, p. 90) define como “nó” um “tema que se constitui um assunto de debate recorrente em determinada comunidade”. De acordo com o autor, esses nós comumente se organizam em forma de questões ou problemas, tal qual ocorre com a hierarquização de determinados gêneros ou autores como um nó discursivo no Clube do Livro. Como exemplo, veja-se a postagem com o maior número de comentários (242) e reações (947) do corpus de pesquisa. Publicado em 15 de maio de 2023, o texto diz “Bom dia (com emoji sorrindo). Literatura é todo e qualquer livro, bora ler!” (CLUBE, 2023), acompanhado de uma imagem que mostra um homem segurando uma placa cujo conteúdo original foi substituído digitalmente pela frase “Vc não é superior só pq lê clássicos” (CLUBE, 2023). O forte engajamento pode ser explicado pelo tema, que envolve uma possível hierarquia entre os livros lidos pelos membros. A possibilidade de uma leitura ser melhor do que outra funciona, em uma comunidade voltada para a literatura, como sugestão de que haveria uma segmentação dentro do grupo, levando os participantes a se posicionarem em relação ao assunto.

De acordo com Bakhtin (2006, p.43), “todo signo ideológico, e portanto também o signo linguístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinados”, e esse horizonte é bem mais subjetivo do que se poderia pensar, já que “cada locutor tem um ‘horizonte social’” (BAKHTIN, 2006, p. 17). Ainda de acordo com o autor (2006, p. 131), “o tema da enunciação é [...], assim como a própria enunciação, individual e não reiterável”. Dessa forma, o signo ‘literatura’ e os variados aspectos dessa temática são

entendidos de forma diferente pelos participantes, já que cada um possui um horizonte próprio a partir do qual apreende o mundo.

Nos comentários em resposta à postagem referida, notam-se vozes que se alinham e outras que entram em conflito com a do enunciador. Algumas falas, apesar de a princípio concordarem com a declaração (Não se é superior por ler clássicos), defendem que há livros que são superiores. Um enunciador diz:

Ninguém é superior a ninguém. Mas existem leituras melhores do que outras, e elas nem sempre estão entre os ditos clássicos. O fato de terem marcado uma época ou uma tendência não implica em qualidade. Tem muitos livros bons que caíram no desconhecimento, assim como tem best-sellers que só chegaram lá por muita publicidade, ou porque caíram nas graças de um produtor de cinema que os popularizou. (CLUBE, 2023)

Observa-se aqui uma convicção que se repete em outros momentos: popularidade não quer dizer qualidade. Em resposta a este comentário, outro membro diz: “Vou discordar... o tipo de leitura depende muito de cada gosto... para você alguns gêneros são melhores, e para mim podem ser horríveis” (CLUBE, 2023). Nota-se aqui um tom pacífico, anunciando “Vou discordar...” (com reticências, amenizando o tom categórico de um ponto final) como quem pede licença ou se desculpa pela divergência. O primeiro enunciador cede em parte: “não falo de gênero. Mas sim, há diferentes gostos”. Um terceiro enunciador, então, intervém e encontra um ponto em comum: “Eu por exemplo não suporto livros de auto ajuda”, ao que o outro responde “Somos dois!” (CLUBE, 2023). Nem todas as discussões resolvem-se a partir de uma concordância tão rapidamente. Em outra conversa no mesmo post, um enunciador diz: “Não sou superior, lógico! Contudo, não troco um clássico, como ‘Os irmãos Karamazov, Crime e Castigo’, ambos de Dostoievski, por um livro de auto ajuda” (CLUBE, 2023).

No debate sobre superioridade de gêneros, os livros de autoajuda são com certeza os mais abordados, seja em postagens ou comentários. Ao primeiro, um segundo enunciador objeta que “ninguém tá pedindo isso”, e então inicia-se uma disputa pelo sentido do texto da postagem. Veja-se alguns trechos:

E1: “[...] não adianta ler clássico e não saber interpretar um texto simples.”

E2: “[...] parece que sutilmente a autoria da postagem quis passar sutilmente que um clássico não teria tanta importância! Mas seu ponto de vista é legal” (CLUBE, 2023).

Nesta última fala, o enunciador ao mesmo tempo enquadra a fala do outro como um “ponto de vista” e supõe compreender a verdadeira intenção do autor do texto. Em seguida emite:

E1: A frase [...] não fala que livros de auto ajuda ou historinhas eróticas para mulheres seja melhor, como vc deduziu no início. [...] Tem muito semi analfabeto com conhecimento de mundo e vida que dá um banho em muito leitor prepotente que passa a vida em casa lendo clássicos e arrotando frases de efeito por aí. (CLUBE, 2023).

Como se vê, o enunciador 1, que antes questionava a capacidade do outro interpretar textos, declara-o “leitor prepotente”. Há diversos outros casos de “disputa de sentidos”. Nesta mesma postagem, um membro pergunta: “Alguém ao menos sabe a definição de clássico? Porque falando assim parece um monte de livro velho. E definitivamente não é essa a definição de clássico”. Em resposta a outra postagem, também do dia 15 de maio de 2023, em que o autor (realizando o papel de crítico literário) lamenta o que define como uma “epidemia” de pretensos (pseudo)escritores, que não leem e não possuem domínio de técnicas narrativas ou mesmo da língua, um indivíduo apresenta uma definição dicionarizada da palavra “escritor” e acrescenta: “Refutado o textão, se escreve é escritor”. Outro integrante do grupo então aponta que o autor não utilizou a palavra nessa acepção, apresentando uma nova definição:

O assunto do post é sobre o termo ‘Escritor’ relacionado ao profissionalismo. O escritor é o profissional cujo cerne do trabalho é expressar ideias ou histórias por meio de palavras usando múltiplas técnicas e estilos de escrita” (CLUBE, 2023).

Authier-Revuz (1998, p. 21) define essa tentativa de fixação de um sentido como forma de superar a “não-coincidência das palavras consigo mesmas”, não-coincidência que só é possível porque “as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem” (Orlandi, 2009, p. 43), o que leva à polissemia, que, de acordo com Orlandi (2009, p.38), é “a fonte da linguagem”, a “simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico”. Enquanto os significados são mais fixos ao longo do tempo, “os sentidos sempre são determinados ideologicamente” (ORLANDI, 2009, p. 43), pelo que são mais variáveis em um mesmo espaço e tempo, pois diferentes sujeitos alcançam diferentes sentidos, e é a partir desses sentidos que se estabelece uma relação dialógica (BAKHTIN, 1997, p. 345). Como se observa, por vezes essa relação expressa um alinhamento entre os sujeitos que tomam parte no diálogo, por correspondência ideológica, mas em outras evidencia conflito.

Conforme Bakhtin (2006, p. 66), “cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura”. Assim, quando há divergência entre os sujeitos em relação aos objetos simbólicos ocorre um dos modos de funcionamento do discurso que Orlandi (2009, p. 86) denomina “discurso polêmico”, aquele em que “a polissemia é controlada, o referente é disputado pelos interlocutores, e estes se mantêm em presença, numa relação tensa de disputa pelos sentidos”. Uma postagem do dia 7 de janeiro de 2023 serve de prelúdio para um debate semelhante. O texto da publicação recomenda um livro do escritor e filósofo Leandro Karnal, com a observação de que faz a indicação “não pelo conteúdo em si pq o autor é um baita canastrão”. Em algumas respostas, há comentários tanto em defesa do escritor, acusado de ser “canastrão”, quanto pedidos de esclarecimento ao autor da postagem sobre o que ele quis dizer com uso do termo. O autor, então, desenvolve com mais detalhes a sua opinião sobre o escritor. A julgar pela interrupção de novos comentários, não restaram dúvidas sobre o uso da palavra pelo autor do texto, mesmo que a divergência de opiniões acerca do filósofo tenha permanecido.

Seja para manifestar aprovação ou desacordo, nota-se em muitos comentários uma manifestação subjetiva mais evidente. Conforme Remenche e Rohling (2016, p. 1464), ao tratarem do comentário online, “devido a essa possibilidade de apresentar sua contrapalavra, essa interação sociodiscursiva tende a estimular o desabafo e a explicitação de opiniões e formas de representar o mundo bastante subjetivas, ou seja, os comentários suscitam atitudes responsivas de refutação, desabafo, apoio, indignação, entre outras, e materializam axiologicamente os diferentes valores sociais”. Nesse sentido, diversos comentários apresentaram uma tendência de posicionamento que considera as falas com as quais se identificam ideologicamente como sendo de maior qualidade. Como exemplo, destaca-se uma postagem do dia 26 de março de 2023, em que o enunciador exprime o seu desagrado em relação aos livros de uma autora e outros membros ao mesmo tempo elogiam o texto e declaram sentir-se de forma semelhante:

- E1: “Gostei da resenha, esse foi o pior livro que li o ano passado”
- E2: “Que resenha perfeita. Descreveu exatamente minha percepção sobre o livro”
- E3: “Excelente resenha! É o único livro que li dela e tive as mesmas impressões”
- E4: “Gostei muito de tudo que escreveu e concordo. É um dos livros mais perturbadores que já li”
- E5: “Tu fez uma crítica muito certa. Eu pulo TODA CENA HOT de todos os livros dela, eu não tenho paciência alguma” (CLUBE, 2023).

Nessas falas os enunciadores expressam satisfação pela identificação. Em outras situações, sentimentos de alívio e gratidão são provocados por uma publicação ou comentário.

No texto sobre os “pseudoescritores”, mencionado anteriormente, um membro discorda daquela fala e argumenta, explicando seu ponto de vista, e outros dois agradecem. Um deles diz “Que alívio ler o seu comentário! [...] Obrigada” (CLUBE, 2023). No texto sobre a não superioridade de leitores de clássicos, um integrante celebra: “Graças a Deus uma postagem que me deixa agora aliviado” (CLUBE, 2023).

Conforme visto, mesmo em uma comunidade voltada a um interesse e gosto comum, as eventuais divergências de opinião e convicção parecem levar alguns sujeitos a uma certa sensação de vulnerabilidade, a qual é sanada quando encontram outras vozes que corroboram seus posicionamentos. Dessa forma, os laços não se rompem e levam ao entendimento de que mesmo que não se possa conhecer e ter proximidade com todos os milhares de membros do grupo, a sensação de pertencimento é vivida quando ao menos alguns dos participantes comungam de pensamentos e sensações. Entretanto, essa manutenção nem sempre ocorre, como se observa na postagem do dia 25 de janeiro, na qual o enunciador questiona a razão do baixo alcance dos autores brasileiros, um membro indignado anuncia sua retirada: “Ops.... Gente, depois desse post absurdo vou sair do grupo.... Desculpe, mas a maioria não entendeu ou não entende absolutamente nada” (CLUBE, 2023).

Durante o período de observação percebemos vozes que se comportam de maneiras específicas, conforme os diferentes papéis mencionados anteriormente. Algumas são mais pacíficas, abertas ao diálogo, enquanto outras, seguras de suas convicções, demonstram estar pouco dispostas a ceder em algum ponto. Uma voz característica é a do “professor”, presente em uma postagem do dia 28 de fevereiro de 2023. Propondo-se a explicar a definição do romance enquanto gênero literário, o texto inicia com a fala “Olá! Eu quero explicar uma coisa para quem ainda não sabe” (CLUBE, 2023), em uma atitude que poderia ser vista como benevolente ou pedante, ao presumir que haveria integrantes que desconhecem o que caracteriza um romance.

Em outros momentos a figura do professor é evocada de uma forma mais literal para servir de argumento ou justificar um ponto de vista, delimitando a posição desse sujeito locutor. Na postagem sobre o baixo alcance dos autores brasileiros, um enunciador explica que sua opinião de que a literatura nacional é difícil não se refere a uma dificuldade pessoal: “[...] considero meu vocabulário extenso. Sou professora, já tive que ler clássicos por obrigação” (CLUBE, 2023). Em outra publicação, que cita um suposto desprezo da crítica literária

acadêmica pela fase romântica de Machado de Assis, alguém comenta “Sou da área acadêmica de Letras e nunca ouvi críticas a Machado” (CLUBE, 2023).

Por tratar-se de um ambiente digital, o Clube do Livro apresenta algumas características temporais e espaciais específicas desse meio. Devido à dinâmica de rede social, e com um alto número de postagens diariamente, nem todas as publicações recebem a mesma atenção e engajamento. Enquanto algumas possuem dezenas de comentários, outras apenas ganham algumas curtidas. Comparadas aos espaços físicos, cada postagem funciona como uma sala, e as que possuem cartaz na entrada com uma imagem chamativa e título claro (de preferência com assunto polêmico) são as mais frequentadas. Também o tempo possui uma influência diferente: cada postagem possui uma validade de dois a três dias. Após isso, nem mesmo as discussões mais acaloradas recebem novos comentários, pois o caráter dinâmico da rede garante que novos debates se tornem prioridade. Isso não significa que os antigos serão esquecidos, principalmente os relativos aos nós discursivos, temas de capital interesse dos membros da comunidade.

Considerações Finais

Este estudo foi desenvolvido com o intuito de contribuir para uma compreensão mais aprofundada dos clubes do livro online como espaços de interação e formação de comunidades literárias, destacando a importância do uso interativo e dialógico da linguagem nesse contexto. Como se pode notar, a esfera cultural-literária não se limita apenas à discussão de obras literárias, mas também engloba aspectos mais amplos da cultura e da sociedade, permitindo que os participantes relacionem a literatura com outros domínios da vida cotidiana. Essa esfera cultural-literária caracteriza-se pelo compartilhamento, discussão e reflexão sobre obras, gêneros e correntes literárias, bem como pela criação de uma comunidade virtual de leitores engajados.

Foi possível observar que os papéis desempenhados pelos participantes não são fixos e podem coexistir em uma mesma interação. Um indivíduo pode ser um leitor engajado, um iniciador de tópicos e um crítico literário em momentos diferentes. Cada enunciador, partindo de um horizonte único, contribui com diferentes pontos de vista, manifestando apoio às vozes concordantes e defendendo sua opinião contra posicionamentos divergentes. Apesar de unidos

por um interesse em comum, é inevitável que uma comunidade com tão grande número de integrantes seja, internamente, também heterogênea. Além do horizonte individual, também percebemos um horizonte maior, que abrange o contexto histórico-social coletivo. Gêneros em voga e autores de sucesso se mostraram assuntos de debates entusiasmados, e para muitos membros do grupo parecia inevitável posicionar-se a respeito. As diferentes tramas dialógicas refletem a diversidade ideológica e social dos participantes, demonstrando como os valores, as experiências pessoais e os horizontes sociais influenciam as interpretações e os posicionamentos.

Destarte, existe uma discussão recorrente sobre a hierarquia de gêneros literários. Alguns membros defendem que a qualidade literária não está necessariamente ligada à popularidade ou à classificação como “clássico”, enquanto outros argumentam que certos gêneros ou obras merecem maior reconhecimento. Essa hierarquização de gêneros literários e a emissão de valores quanto à qualidade de determinadas obras, emergem como “nós discursivos” que geram discussões recorrentes e debates prolongados. A diversidade de opiniões, nem sempre manifesta em modo pacífico e dialógico, leva alguns participantes a se sentirem vulneráveis, mas essa vulnerabilidade opera paradoxalmente fazendo com que estes sujeitos busquem pontos de identificação com outros membros que compartilham de suas perspectivas. Encontrar vozes que concordam com as suas pode gerar uma sensação de alívio e pertencimento, demonstrado explicitamente através de agradecimentos e expressões de alívio.

Nesse espaço surgem também as vozes que se legitimam pela autoridade ou experiência, como aquelas que se identificam como professores ou especialistas, são influentes nas discussões. Como foi possível de verificar nas interações observadas, estas opiniões podem moldar a compreensão de certos tópicos e orientar o diálogo. Talvez por consequência desse discurso de autoridade, os participantes empenham-se frequentemente em se fazer compreender e explicar suas perspectivas, recorrendo a definições e explicações detalhadas para embasar suas opiniões e refutar argumentos contrários.

Os participantes utilizam uma variedade de expressões, desde concordâncias e discordâncias até reflexões mais profundas e citações de teóricos literários, para argumentar, validar ou refutar diferentes pontos de vista. Como exemplos, a interpretação e atribuição de significados às expressões ‘literatura’, ‘clássico’ ‘qualidade literária’, ‘gosto pessoal’ e outras relacionadas aos temas mobilizados e desenvolvidos pelos participantes, devido à polissemia linguística e à diversidade de horizontes de significado. Os participantes reconhecem a

subjetividade e a diversidade de gostos e enfatizam que o que é considerado “bom” ou “ruim” literalmente pode variar de pessoa para pessoa, e essa noção de subjetividade é frequentemente debatida nos comentários, réplicas e tréplicas. Entretanto, ainda que apontem para a subjetividade desta qualificação, os participantes frequentemente argumentam e contra-argumentam pautados por suas perspectivas e atribuem valores a obras e autores nas discussões que evocam textos literários. Esse trabalho argumentativo pelo qual se manifestam os pontos de vista sobre o que é considerado “boa literatura”, que retratam a importância de gêneros literários e o valor de autores específicos ou de certos tipos de leitura resulta em disputas de sentidos, nas quais as vozes tentam definir e controlar o sentido e o que se aceita como verdade.

As divergências frequentes indicam a complexidade da construção de consensos e, em alguns momentos, as interações transcendem o âmbito estritamente literário e abordam temas pessoais, como relacionamentos e problemas de saúde, indicando que a convivência na comunidade cria um senso de familiaridade que permite a discussão de diferentes aspectos da vida. Essa familiaridade pode ser um catalisador para discussões sobre uma variedade de tópicos.

Como em todo ambiente de rede social, a dinâmica online influencia a priorização de discussões, de modo que a interação é influenciada pelo ritmo da plataforma e pelas características temporais do ambiente online. As postagens mais recentes tendem a receber mais atenção, enquanto os debates mais antigos podem perder o fôlego rapidamente. Como vemos, o ambiente online cria uma dinâmica de comunicação diferente de espaços físicos. As postagens têm um tempo de vida limitado, e os temas mais polêmicos ou atraentes tendem a atrair mais atenção, influenciando a forma como as discussões se desenvolvem e evoluem ao longo do tempo.

Referências

- ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.
- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. *Palavras incertas – As não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da UNICAMP. 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem*. 12 ed. São Paulo: Hucitec. 2006.

CLUBE do Livro. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/434448063371084/>. Último acesso em: 17 ago. 2023.

FERNANDES, Luciane Alves; GOMES, José Mário Matsumura. Relatório de pesquisa nas Ciências Sociais: Características e modalidades de investigação. *ConTexto*, Porto Alegre, v. 3, n. 4, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ConTexto/article/view/11638>. Último acesso em: 17 ago. 2023.

FIORIN, José Luiz. *Da necessidade da distinção entre texto e discurso*. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

KOZINETS, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso. 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial. 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2018.

MATEUS, Samuel. *Discurso Mediático*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2021.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Interpretação*. RJ: ed. Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 8 ed. Campinas: Pontes. 2009.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; ROHLING, Nívea. O horizonte valorativo em enunciados do gênero comentário on-line: uma escuta dialógica. *Fórum Linguístico*. Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 1460-1475, jul./set. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2016v13n3p1460>

STELLA, Paulo Rogério. A interação verbal: perspectivas na língua(gem). In: JESUS, Sérgio Nunes de; FERRAREZI JUNIOR, Celso (orgs.). *Pilares da teoria dialógica do discurso: a obra de Valentin Volóchinov (da década de 1920 aos dias atuais)*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.